

GESTÃO AMBIENTAL: PRÁTICAS E PRINCÍPIOS

ANA SYLVIA ZENY

Começo lembrando que alguém já me havia comentado que um americano gasta em torno de 150 unidades energéticas se comparado com um cidadão de Bangladesh, sabidamente um país muito pobre (considerada a unidade energética não apenas a eletricidade, por exemplo, mas tudo que envolve a sua vida pessoal, tal como a própria alimentação). Questionaria-se então sobre qual seria o padrão mais correto: o americano, a demandar tanta energia, ou do cidadão de Bangladesh com uma qualidade de vida tão ruim? Se fossemos proporcionar a todos os habitantes do mundo o padrão de vida que houver de melhor entre os norte-americanos isto equivaleria a quintuplicar a produção de bens e serviços oferecidos hoje em dia para todo o mundo.

E o que isto significa para os recursos naturais? O que significaria em relação a todo o nosso desenvolvimento? Este questionamento nos leva a ver que temos um modelo industrial que precisa ser readequado para poder levar em consideração essas diferenças e poder levar cada vez mais uma melhor qualidade de vida a todos os cidadãos.

Então, considerando o comportamento do setor industrial mantido até tempos recentes, ao menos aqui no Brasil, para muitos, e ainda hoje isso acontece, o meio ambiente não é importante, mais importante é produzir. Com o passar do tempo, com pressões que foram ocorrendo, alguns passaram a se preocupar com o meio ambiente, porém entendendo que apenas o cliente tinha que arcar com esses custos. Mas as pressões aumentaram em formas diferentes e foi visto que alguma solução deveria ser feita pois do jeito que estavam ocorrendo, não podiam continuar.

Só que a indústria sempre entendeu que este problema não era dela, mas sim do governo, ou da comunidade. Que caberia a alguém fazer alguma coisa, mas não eles (as pessoas responsáveis pela área industrial), cujo papel seria apenas produzir. De qualquer maneira, com as pressões que a própria comunidade passou a fazer, mais as dificuldades que a indústria passou a enfrentar com legislações e tudo mais, ela veio a fazer algo em relação ao meio ambiente, mas ligando àquilo que é chamado de tratamento.

Havia poluição e, após a mesma, construía-se estações de tratamento, aterros sanitários, etc. para poder diminuir esta questão de poluição ambiental. Mas as pressões permanecem aumentando e isso fez com que as posturas fossem mudando, principalmente nos países do primeiro mundo, onde iniciou-se um grande esforço para melhorar as questões ambientais de modo a se evitar a poluição, prevenindo-se a mesma e hoje em dia, muitos do setor industrial buscam fazer o que tem de ser feito, para que se consiga manter a sustentabilidade.

As indústrias estão enxergando que o modelo que elas vinham aplicando dificultava inclusive a própria vida delas, quanto à sobrevivência delas. Então, o meio ambiente passa a fazer parte do negócio do setor industrial. O que aconteceu dentro da questão ambiental é que o modelo que antigamente se baseava no tratamento e disposição final (para, por último, se pensar em prevenção) dá lugar, hoje em dia, a uma inversão desta postura, buscando antes de tudo a prevenção para, em último caso, dar um destino final daquilo que ainda tem de ser gerado.

Assim, qual seria a meta, hoje em dia? Não gerar resíduo, ou o mínimo possível do mesmo, utilizar, prevenir, reciclar. Ter qualquer outro tipo de atitudes de prevenção para, só em último caso, passar a dispor. Só mesmo quando não houver outra solução. Então se perguntará: Por que esta mudança de atitude? Há uma série de pressões que as empresas vêm sofrendo ao longo do tempo. Pressões globais, que é diversidade, escassez dos recursos naturais não renováveis, a dificuldade de alguns recursos, mesmo renováveis, em poder atender (sabe-se hoje em dia, que a água, embora seja um recurso renovável, não é tão renovável assim, seja quantitativamente ou qualitativamente e a região metropolitana de Curitiba tem experiência neste sentido), a mudança de nossos ecossistemas, o problema da camada de ozônio... mas, ao mesmo tempo, não são só estas pressões externas que têm ocorrido. Muitos poderão dizer: "Não tenho nada a ver com o problema do buraco da camada de ozônio, ou dos ecossistemas, ou da biodiversidade".

Então quais serão as pressões que estas indústrias acabam sentindo? Sentem as pressões mais diretas: a própria legislação – cada vez mais restritiva os investigadores atualmente preocupam-se em saber não só da saúde financeira mas também da saúde ambiental da empresa, algumas empresas estrangeiras que vieram para o Brasil e mesmo para Curitiba, para fazer uma *joint-venture* com uma indústria daqui, primeiramente fizeram um levantamento do passivo ambiental para depois resolverem quanto ao *joint-venture*.

Houve até o caso de uma empresa do Rio de Janeiro ou São Paulo que, ao ser comprada por outra, estrangeira, teria destinado 20% do valor

da venda, para se investir no passivo ambiental. Além dos investidores, os empregados passam também a ter uma preocupação, pois a matéria diz respeito à sua saúde. E a opinião pública, com a população cada vez mais conhecedora das questões ambientais, passa a fazer pressões também.

Então as indústrias passam a se ver pressionadas a terem uma visão, diferente. Mas, na realidade, o que funciona, dentro do meio dos empresários e o "bolso". "Dolars and cents". Como então se procura trabalhar com o setor industrial para mostrar esta preocupação? Infelizmente em muitas indústrias, com as quais se trabalha, o custo ambiental não é considerado em suas contabilidades. Muitos empresários questionados a respeito do assunto alegam não receber ou não "medir", ou sequer formar, históricos quanto ao tema, e nem há mesmo uma contabilidade ambiental (envolvendo água e energia, por exemplo, utilizados). Trabalha-se então trazendo à tona o aspecto de que, em algum detalhe, pode estar havendo perda de dinheiro. Um exemplo seria a perda de matéria-prima, com a poluição da água, sendo que o custo do empresário seria maior no tocante à geração de influentes líquidos, desperdiçados em forma de resíduos liberados ao meio natural.

Se há um sistema bem ajustado, ou um sistema de produção bem feito, bem desenhado, pode haver um sistema de tratamento superdimensionado. Dois exemplos surgem daí. Foi visitada, na RMC, uma indústria cujo sistema de tratamento tinha um problema. Para que fosse feita uma readequação no sistema, verificou-se, numa simples visita pela indústria, que toda a água de drenagem era canalizada pelo próprio sistema de tratamento de influentes. Então, às vezes pode-se achar isto algo tão simples, e a única coisa que foi preciso fazer era uma canaleta de desvio de água de drenagem, uma água limpa, sem óleo ou outro tipo de poluente – era apenas água de chuva, a qual foi desviada para um córrego próximo, e o sistema já existente continuou funcionando bem.

São detalhes a serem enxergados pelo empresário, já que para ele não havia custo diferenciado, mas conseguimos mostrar a ele o que ele sairia ganhando com uma visão mais ampla a respeito do processo. Outra empresa esterilizava a água para poder esterilizar garrafas que eles utilizam, e esta era mandada para a estação de tratamento. Questionamos o porquê disto? O sistema estaria criando problema (já que havia ali uma grande carga tanto hidráulica como térmica)? Por que esta água era jogada fora? Ante a resposta de que "isto não me custa nada" percebeu-se que o empresário responsável havia esquecido que isto custa bombeamento, custa aquecimento, custa atender tubulação, armazenagem, e má contabilidade. Enfim, para ele, jogar aquela água fora

não fazia diferença, porém a mesma água poderia ser usada, no mínimo, para lavar o chão da fábrica.

Quanto mais o tempo passa e a legislação vai apertando, é percebida a necessidade de tecnologia cada vez mais avançada para se atingir o parâmetro de lançamento do órgão ambiental, cada vez mais restritivo em termos disso. Então, onde são produzidos influentes cada vez mais complexos, o gasto de dinheiro é cada vez maior em tecnologia. Em termos da poluição do ar podemos mostrar que também há perda de matéria-prima, deterioração do patrimônio da empresa por causa da poluição atmosférica, e, em alguns casos, há afastamento de trabalho, perda de produtividade, ou seja, a perda de dinheiro pelo empresário. Em relação aos resíduos, quanto mais eles são gerados significa desperdício, e desperdício também é perda de matéria prima.

Nem sempre se tem uma tecnologia alternativa para se dar um destino adequado a este resíduo. Hoje em dia, Curitiba conta com a Central da Casa de Resíduos Industriais, mas o custo chega, às vezes a R\$ 240,00 por tonelada, o qual é elevadíssimo para se dar algo que poderia ser, ou melhor utilizado dentro da própria fábrica, ou um subproduto, ou ainda matéria-prima para outra indústria, dentro desta visão de se dar uso -agregar valor- aos resíduos.

Na forma passivo ambiental, conforme já comentado, remontada ao caso de várias indústrias visitadas em cujos pátios são encontrados tambores e tambores escondidos com os quais não se sabe o que fazer. E quando for preciso fazer algo, provavelmente os empresários em questão terão que pagar os R\$ 240,00 por tonelada. E o que acaba acontecendo nestas visitas feitas? Por desconhecimento que as pessoas têm disto tudo, é simplesmente providenciada uma caçamba em que se depositarão resíduos na forma de papel, plástico, pedaço de madeira, lata de tinta ou de solvente, por exemplo, e etc., e com a remoção não haverá cuidado em segregar os diferentes materiais conforme a natureza de cada um, até mesmo pela característica tóxica de algum ou alguns deles.

O empresário será levado a desembolsar em torno de R\$ 120,00 ou R\$ 240,00 por tonelada. Então, a falta de segregação também traz custos elevados na parte de disposição. E além de tudo há áreas operacionais, em muitas destas empresas que visitamos, sendo ocupadas por estes resíduos com os quais não se sabe o que fazer. Quanto ao problema de tecnologia, hoje temos muitas indústrias que, ao visitar, constatamos que contam com tecnologia empregada bem ultrapassada, o que leva à ineficiência, baixa produtividade, perda de competitividade, com conseqüente incerteza quanto à sobrevivência da empresa, mais a insegurança e riscos, tanto internos como externos para o pessoal que vive

nas circunvizinhanças. Isto se deve muito às indústrias metais mecânicas que temos aqui e que têm sérios problemas, por falta de tecnologia. Outra coisa que pressiona muito as empresas é com relação à opinião pública, as reclamações que se têm devido a odores, algum influente que libera cheiro pelo córrego de um bairro ou que provoca mortandade de peixes, coisas que passam a comprometer a imagem da empresa, então cria pressão quanto ao que a mesma deve fazer.

Os próprios funcionários começam a se sentir não muito satisfeitos de trabalhar ali, isso influencia o moral deles, e até pode gerar necessidade de mudança do local da fábrica por causa desta pressão. Quando atendemos uma empresa que trabalha com milho, no Norte do Paraná, a mesma tinha problema no processamento do cereal, quando um pó residual era liberado no ar e as donas de casa da circunvizinhança reclamavam que a mesma sujava a roupa colocada para secar nos varais, mais o problema do ruído das máquinas da indústria, que trabalhavam vinte e quatro horas por dia, daí providenciarem filtros e isolamento acústico, para que não tivessem de mudar de local, visto que as cidades cada vez se expandem mais e, às vezes, uma indústria, antes considerada distante, acaba se encontrando dentro de uma área residencial.

Outra pressão que também ocorre é a pressão dos negócios e meio ambiente. E por que isto? Porque alguns investidores, como no início foi comentado, acabam recuando em face dos problemas ambientais que a empresa representa. Os clientes começam a ficar inseguros com a hipótese da fábrica fechar, ou ter descontinuidade na entrega das mercadorias, e também podem acabar ocorrendo barreiras técnicas e fazendo com que haja perda de produtividade e problemas sérios dentro da indústria quanto a sua sobrevivência.

Então, apresentando itens assim ao empresário, pode ser dada a ele uma noção sobre onde ele está perdendo dinheiro ou onde ele pode deixar de perdê-lo. Pois todas estas pressões que procurei expor acabam revertendo em custos contabilizados ou não, pois tudo isto no final do mês, acaba revertendo na contabilidade geral da empresa. Isto tem servido de alerta aos empresários, visto que muitos diretores e presidentes que têm o diagnóstico que preparamos, não acreditam, a princípio, que aqueles dados digam respeito à sua respectiva empresa.

Isto se dá porque nem sempre a questão ambiental está presente no dia-a-dia das pessoas, precisando alguém de fora vir apontar tal aspecto: uma das coisas que percebemos nestes diagnósticos é que, às vezes, sessenta por cento dos problemas encontrados são problemas de fácil solução, a exemplo daquele já comentado, sobre desviar a água de drenagem dos influentes industriais que iam para o sistema de tratamento;

em geral são mesmo simples: segregação de resíduos, separação de linhas diferentes de influentes, sistemas diferentes...

Algumas mudanças em geral muito têm a ver com a parte de mão-de-obra: falta de procedimento, falta de treinamento, ou seja, cada um acaba fazendo do seu jeito, sem preocupação de manter uma sistemática. Assim o que temos sentido é que os grandes problemas apresentados tem fáceis soluções, sem caráter tecnológico que demande grandes investimentos, e mesmo que demandassem grandes investimentos, vale lembrar aqui uma situação: a Bahia-Sul implementou seu sistema de gestão ambiental, mas em seis meses, só com a economia de água que fizeram, eles recuperaram US\$ 500,000, metade dos investimentos feitos, só com a economia de água.

Então, mesmo no caso de investimentos maiores, o retorno tem se mostrado de curto prazo. E o que tem acontecido a partir de todas estas pressões verificadas? Uma evolução que partiu, principalmente dos E.U.A. na década de sessenta, para uma conscientização ambiental, para culminar com o que aconteceu em 1996, que foi a ISSO 14.000 na área de gestão ambiental, e que temos no Brasil, se não me engano, 128 empresas já certificadas pela ISSO 14.000 buscando colocar as questões ambientais dentro do gerenciamento global da empresa. E por que, não só o SENAI, mas também muitas outras entidades, têm trabalhado na busca do respeito pelo meio ambiente.

Porque a indústria é um fator chave dentro da questão da qualidade de vida e qualidade ambiental. Por isso buscamos, dentro de alternativas, fazer um equilíbrio entre a conservação do meio ambiente e o desenvolvimento econômico. E digo não só econômico no sentido de ser um desenvolvimento econômico social, não é só, inclusive, considerando ética, dentro deste contexto. E hoje temos sentido, confesso: há muitas dificuldades, por empresas que não querem ouvir falar disso, e que isso, acham, não diz respeito a elas; mas a preservação ambiental passa a fazer parte dos negócios da organização. Muitas empresas, hoje em dia, tem já, em seu "budget" um certo valor para as questões ambientais, fazendo parte do planejamento de médio e longo prazo as questões ambientais, tudo isto em busca do desenvolvimento sustentável que, conforme fala a comissão mundial sobre meio ambiente e desenvolvimento, na realidade é suprir as necessidades de hoje sem colocar em risco a sua próxima geração, de poder suprir suas próprias necessidades. Mas sempre levando em conta até onde nós não temos um modelo de desperdício ao invés de utilização dos recursos, e nisso eu coloco a nós todos, como cidadãos, também como um peso, em relação a

isso, porque cabe a nós, também, uma espécie de pressão e temos como fazer isso.

Vários países fazem isto, os alemães, por exemplo. Eles se negam a sair de algum lugar carregando excesso de bagagem. Tiram o produto e deixam a embalagem dentro do próprio estabelecimento, para eles fazerem o que deve ser feito, dar destino àquela embalagem. Daí é que sempre gosto de lembrar um exemplo bem simples de como são as coisas no caso do chá. Quando eu era menina, preparávamos o chá utilizando folhas secas, fazendo-se infusão, coando e em seguida tomando a bebida. Hoje em dia, vamos ao supermercado, acostumados com mais comodidade, compramos uma caixinha com um "pozinho", cujo conteúdo não se sabe exatamente qual é, contido em saquinhos com barbante, e na ponta deste uma etiquetinha colorida, isto ainda dentro de envelopes, contidos na já mencionada caixinha também colorida, embrulhada em outro papel.

A utilidade que isto tem para nós é a mesma que a folhinha tirada e seca tem. Então, até onde este modelo não tem que ser questionado e verificado? Até onde nossa postura como consumidores tem que ser revista? Outro exemplo que gosto de dar é o seguinte: Dizem que na década de setenta, a Cidade do México estava com um problema seríssimo na estação de tratamento de água, e eles pensavam em duplicar, e isto custaria uma fortuna.

Não sei quantos habitantes havia naquela época, mas hoje em dia são vinte e dois milhões, não devia ser muito menos que isto; então, o que eles fizeram? Descobriram que os vasos sanitários nas residências deles gastavam em ordem de 20 ou até 30 litros por descarga, o que aliás ainda ocorre aqui no Brasil, e na época conseguiram na Escandinávia um vaso sanitário que gastava sete litros por descarga. Então, importaram hum milhão desses vasos e os instalaram em todas as residências, e a estação ainda sobreviveu durante muito tempo. Então, cabe a nós, consumidores, mas também ao pessoal da indústria buscar alternativas para que se tenha produtos que utilizem cada vez menos matéria-prima para o mesmo produto final, a mesma parte de insumos também, e nós, a linha final, exigimos este tipo de coisa. São posturas simples, e até onde comodidade tem nos levado a ter esta postura mais frouxa, por assim dizer, quanto a estas questões. Outro exemplo diz respeito a fábricas de papel e celulose, que temos aqui no Paraná.

Ponta Grossa tem minas de talco. O talco poderia ser utilizado como agente branqueador. Poderia haver um pouco mais de pesquisa a respeito, mas ele poderia ser assim utilizado, tanto que este talco foi sendo utilizado para outros fins menos nobres. Questões como esta deveriam ser

vistas de uma maneira bem mais globalizada, consideradas as necessidades da comunidade, do governo e do setor, no caso o setor industrial, cabe sentar-se à mesa e questionar cada vez mais isso, e uma coisa que temos sentido é que o setor industrial mostra um planejamento para buscar a prevenção da poluição ao invés de um tratamento "de final de tubo" propriamente dito; os órgãos, pelo menos aqui do Paraná, tem mostrado bons olhos em relação a isso, dando prazos para a resolução destes problemas.

Então, enxergamos um futuro um pouco mais promissor, mas muita coisa há para ser caminhada (conquistada). Temos sido procurados pela indústria para resolver alguns problemas, mas ao mesmo tempo temos tentado através de pesquisas de mercado, e tudo o mais, levar este tipo de visão ao setor industrial para ampliar um pouco esta consciência.